

Alexandre de Gusmão: ducentésimo quinquagésimo aniversário de sua morte*

Dá-nos notícia a tradição de que, no lugar em que se assenta este povoado, havia uma aldeia de índios, talvez os mesmos jaraguás que se fixavam na Cachoeira. Chamava-se Sigumudo, cuja significação e etimologia ignoramos. Em abono desta notícia há o fato de terem sido descobertas algumas igaçabas, à guisa de uma funerária, encontradas nas fazendas Cajazeira e Aldeia. Prova da remota origem de um aglomerado índio que deixou vestígios perduráveis de sua passagem. Nesse estado o encontraram os jesuitas quando para aqui vieram

fundar um seminário, e também catequizar o gentio. A propósito, vale lembrar palavras de Milliet Saint Adolphe, que asseverou: "Belém, aldeia da província da Bahia, fundada pelos jesuitas para doutrinar os índios. Está situada a uma légua ao nordeste da Cachoeira, perto da Serra da Conceição. Sua igreja é dedicada a Nossa Senhora de Belém e os seus habitantes, quase todos índios, são obra de duzentos". Povoado simples e humilde ficaria, como até hoje, com o seu clima ameno e a sua água maravilhosa, de altos poderes curativos. Passaria a distrito em 1704, em sessão de vereação do Senado da Câmara da Cachoeira, de 9 de julho, e o seu primeiro escrivão foi Manoel Álvares de Mendonça. Mais tarde, chegaria à categoria de vila, e assim ficaria até hoje, pertencente, sempre, ao município da Cachoeira. A freguesia não chegou, jamais, apesar de feitas várias tentativas, ficando subordinada à da Cachoeira. Essas tentativas foram: a primeira, a 21 de fevereiro de 1815; a segunda, em 1825, quando se alegaram grandes distâncias, sendo a divisão com a freguesia da Cachoeira feita pela ladeira do Te-leiro, hoje Faleira, na parte sul, e, no norte, por Capoeiruçu, terminando pelos limites antigos com as freguesias do Iguape, de São Gonçalo dos Campos e Santo Estevam. O então proprietário de quase todo o terreno do arraial de Belém era Francisco Fernandes da Costa. Outros pedidos ocorreram, em 1894 e em 1898, indeferidos, todavia, como os anteriores. Talvez por isso Belém estagnou, não floresceu, guardando, no entanto, aquela pureza, aquela temura de outrora, aquele bucolismo encantador, com pequena população e veranistas aos fins de ano. Ainda assim Belém, edificada à margem do rio Pitanga, que a banha de norte a sul, encontra-se a 230 metros acima do nível do mar. Foi visitada por D. João de Lencastre, em 1695. Em 1877, também aqui esteve Alfredo do Vale Cabral, a serviço da Biblioteca Nacional, levando notas e desenhos sobre o povoado. Contemporaneamente foi visitada, várias vezes, pelo saudoso D. Augusto, Cardeal da Silva, que se hospedava na residência do coronel Antônio Celso Cajazeira, que foi, na primeira metade deste século, uma das mais expressivas figuras desta Vila, sendo o seu chefe político durante algumas décadas.

Eis aí os leves traços do que foi e do que é a vila de Belém, onde, a 13 de abril de 1667, numa cerimônia modesta, o jesuíta Alexandre de Gusmão lançou os alicerces do seminário, que tanto o notabilizou. Mas, somente decorridos vinte e um anos, lograva ele concluir o seu importante cometimento, dotando-o das acomodações necessárias a um colégio de sua categoria, reconhecidamente o primeiro internato criado no Brasil. E o seminário apresentou-se, então, com caprichado dormitório, boa moradia, salas para aulas, biblioteca, passadiço para padres e alunos, capela interna para a comunidade, altar com cinco nichos, casas

para hóspedes e peregrinos, etc. Dessa obra magnífica resta-nos, hoje, apenas esta igreja, em cujo frontão se vê a data do término de sua ereção, isto é: 1686. Desse seminário, onde os internos estudavam Lógica, Filosofia, Teologia, Matemática, Física, etc., foram alunos, dentre outros, Alexandre de Gusmão, homônimo do grande jesuíta, e Bartolomeu Lourenço de Gusmão. O Gusmão foi adotado em homenagem ao padrinho de ambos, o padre Alexandre de Gusmão, cujo ducentésimo quinquagésimo aniversário de morte hoje se celebra com o respeito e a veneração a que fez jus o ilustre jesuíta, honra e glória da Companhia de Jesus a que pertenceu, e que morreu com quase cem anos, pois nascido a 14 de agosto de 1629, e cuja vida foi inteiramente voltada para o bem-servir, servindo a Deus e aos homens, particularmente para o ensino da juventude do seu tempo, preparando discípulos que lhe continuassem a obra evangelizadora e missionária, levando aos pontos mais rústicos, mais primitivos, as luzes da civilização. Não foi um grande serviço prestado somente à Bahia, porque, com a notícia da fundação do seminário e da excelência da doutrina pregada por Alexandre de Gusmão e pelos demais professores que integravam o seminário, de todas as partes do Brasil pessoas importantes enviavam seus filhos e parentes para aqui, de onde saíam perfeitos cidadãos para as mais diversas missões. Entre estes, como citei, destacou-se Bartolomeu Lourenço, paulista, natural de Santos, que, segundo Serafim Leite, abonado pelo saudoso historiador Alberto Silva, teria feito, neste largo, os seus primeiros ensaios do mais pesado que o ar — o seu aeróstato, o seu balão, cujas experiências continuariam em Lisboa, no pátio da Casa da Índia, em 5 de agosto de 1709, na presença da corte —, sendo, assim, apesar do malogro, o pioneiro indiscutível, pelo menos historicamente, da aviação universal. Alexandre de Gusmão, cuja sepultura (sem os despojos) se encontra nesta igreja, ao lado — atribui-se — das de Frei Manoel da Ressurreição, terceiro Arcebispo do Brasil, falecido a 16 de janeiro de 1691, e do seminarista Joseph Garcia de Aragão, falecido em fevereiro de 1722, filho de Joseph Garcia de Aragão e D. Isabel de Aragão de Menezes, benfeitores do seminário, não foi só o grande sacerdote voltado para Deus; o eminente pedagogo, dando-se todo ao ensino; o homem de luta que deixou o conforto da cidade para embrenhar-se nestas paragens e nelas fundar e dirigir o segundo centro de cultura humanística do País; foi, igualmente, um homem-de-letras, sendo havido, mesmo, por vários pesquisadores, como autor do primeiro trabalho de ficção escrito no Brasil por um português, a novela *História do predestinado peregrino e seu irmão precito*. Escreveria, ainda, outras obras, tais: *As aventuras de Diógenes*, publicação póstuma, que data de 1777; *Escolas de Belém*, *Jesus nascido no presépio*, de 1678; a já citada novela *História do predestinado peregrino e seu irmão precito*, que é de 1685; *Arte de bem criar os*

filhos na idade da puerícia, de 1685, etc. Foi, assim, Alexandre de Gusmão, mais do que um sacerdote e um mestre de algumas gerações, um benemérito, cujo nome se liga ao processo de desenvolvimento cultural do País na segunda metade do século XVII e princípios do século XVIII.

Bem andaram, destarte, a Universidade Federal da Bahia, a Academia de Letras da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Conselho Estadual de Cultura, entidades às quais tenho a honra de pertencer e em cujo nome falo nesta solenidade, e também a Prefeitura Municipal da Cachoeira, bem andaram, assim, comemorando o evento, que assinala o nome de Alexandre de Gusmão, ilustre por todos os títulos, exalçando-o pelo muito que ele fez pelo país de sua adoção, descoberto e desbravado pelos seus maiores. A lápide que ora se coloca no frontispício deste templo, pelas instituições já mencionadas, vem mostrar aos coevos, e mostrará, certamente, aos porvindouros, que a história pode tardar, mas não esquece aqueles que, como Alexandre de Gusmão, deram o melhor da sua inteligência, da sua cultura, da sua abnegação e do seu amor pelo bem comum. Nome ilustre que, em sendo português, procurou integrar-se entre os literatos do seu tempo. Bem merece, pois, quem, como Alexandre de Gusmão, muito soube fazer pelo seu semelhante, com aquele espírito obstinado dos loiolistas quando querem, e conseguem, realizar obras magníficas que perduram no tempo, grandiosas e cintilantes. A Bahia não poderia olvidar, assim, o transcurso de uma efeméride tão significativa e ligada, intimamente, aos fastos da sua história e da sua cultura. Por isso as instituições já citadas, as mais altas do Estado, se reuniram e, harmônicas, envidaram providências para que não passasse despercebida a data importante, ainda há pouco comemorada, do tricentenário da elevação da Cachoeira à categoria de freguesia. Isso mostra a atenção e o cuidado, bem como o apreço, dos órgãos culturais baianos, atentos aos acontecimentos mais expressivos da história da Bahia, na qual a participação da Cachoeira foi das mais luminosas, notadamente durante as lutas que culminaram com a emancipação política do Brasil, quando a Cachoeira teve papel relevante, incluindo-se esta vila de Belém, onde ora nos encontramos, enviando para a cidade em luta um batalhão sob o comando do coronel Rodrigo Antonio Pereira Falcão Brandão, mais tarde Barão de Belém. Daí os centros de cultura e estudo da Bahia, com o valioso concurso da Prefeitura Municipal da Cachoeira, estarem presentes à celebração dos duzentos e cinquenta anos da morte de Alexandre de Gusmão, que, embora português, foi um dos baluartes na defesa e na propagação da cultura no Brasil, particularmente na Bahia. Glórias, pois, à sua memória, que, não obstante o tempo já decorrido, ressalta da história cada vez mais grandioso, redoidado pelos atos admiráveis que praticou, cujos frutos

chegaram até nós através de um trabalho profícuo, pioneiro, majestoso, e se perpetuará no futuro, sempre memorado pelos que sabem amar e cultuar aqueles que, pelo trabalho e pelo saber, trouxeram uma parcela valiosa ao desenvolvimento de uma nacionalidade!

ANTONIO LOUREIRO DE SOUZA

* Discurso pronunciado no dia 15 de março de 1974, em Belém, Cachoeira, pelo professor Antonio Loureiro de Souza, em nome da Universidade Federal da Bahia, Academia de Letras da Bahia, Conselho Estadual de Cultura, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Arquidiocese da Bahia, Comunidade Jesuítica na Bahia e Prefeitura Municipal da Cachoeira, pelo transcurso dos 250 anos da morte do Padre Alexandre de Gusmão, fundador, ali, do Seminário de Belém, em 1686.